

Terra quântica globalizada na tessitura da tecnociência: identidade socioecocósmica da pós-modernidade

Roberto José Moreira

Introdução

Inicialmente este ensaio interpretativo visava encerrar a apresentação 11 anos de prática de Laboratório do Núcleo de Pesquisa em Ruralidades do Programa CPDA. O Ruralidade, pode-se dizer, era o ambiente intelectual que acolhia as aulas práticas de IH 1505 Teorias sobre as Sociedades Contemporâneas, disciplina fundamental do doutorado, e, principalmente de IH 1527 Natureza e Sociedade, fundamental para os mestrados. Criado por mim e potencializado com participação efetiva da Professora Eli de Fátima Napoleão de Lima, hoje a coordenadora responsável, o próprio Núcleo foi criado, em 2000, com o apoio da FAPERJ, Programa Cientista de Nosso Estado, ao Projeto de Pesquisa: Desenvolvimento Rural Sustentável: Registros de Novas Ruralidades.

Este projeto objetiva a formulação de perspectiva teórico-interpretativa e a realização de análises de relações sociais desenvolvidas no espaço rural e que se refiram ao processo de desenvolvimento rural sustentável da agricultura familiar e de formas sociais assentadas. A ênfase será dada ao estudo das novas identidade rurais - novas ruralidades - que estão sendo construídas nas últimas décadas no Brasil com as postulações de fortalecimento da agricultura familiar e com a realização da reforma agrária e o reconhecimento da construção de um novo mundo rural.(Moreira, Julho de 2000)¹

E, na sequência, também financiado pela FAPERJ, no mesmo Programa, pelo Projeto: Ruralidades, Cultura e Desenvolvimento Sustentável.

Este projeto foi elaborado tendo em vista a continuidade das atividades de pesquisa desenvolvidas sob minha responsabilidade e coordenação no Projeto Desenvolvimento Rural Sustentável: Registros de novas ruralidades que se encerra em dezembro do corrente ano e foi desenvolvido com apoio da Faperj, no Programa Cientistas de Nosso Estado, para o qual apoio de bolsa de pesquisador do CNPq. Os ensaios, artigos e relatórios que estão sendo produzidos comporão o relatório substantivo do conjunto de pesquisas e conforme proposto foi criado, em 2001, o Núcleo de Pesquisa Desenvolvimento Sustentável e Ruralidades. (Moreira, Agosto de 2002)²

Como nada é fruto de ações individuais e sim de contingência mais ampla, cumpre aqui registrar que seus rizomas estão na dinâmica de reforma do Programa CPDA de 1984 e na criação da Área de Sociedade e Agricultura, em 1988, à qual passei a integrar.

Em 1984, uma nova reformulação procura adequar o processo de interiorização da responsabilidade das disciplinas do curso, requerido pela transferência de instituição [Da FGV para a UFRRJ, em 1982], incorporando também sugestões formuladas por consultores da CAPES, que avaliaram o curso naquela época. São eliminadas as áreas de concentração de ESOPA e EPA mantendo-se, no entanto, o amplo leque de disciplinas e problemáticas herdadas do período anterior, agora sob a responsabilidade dos docentes do próprio CPDA. Esta reestruturação estimula a autonomia relativa dos docentes/pesquisadores e a formação de grupos de pesquisa/interesse que vão refletir-se em uma nova

¹ Período de vigência, Jan. 2001- Dez. 2002.

² Vigência, Jan. 2002-2004.

reformulação em 1989, quando é recriada a estruturação em duas áreas de concentração, em *Desenvolvimento Agrícola* e em *Sociedade e Agricultura*. [...] Em meados dos anos 1980, é organizado o Núcleo de Estudos da Família, que realiza um seminário sobre o tema em 1985. [...] Em 1988, é oferecido no campus de Seropédica um Curso de Especialização de Ciências Sociais no Estudo de Comunidades. Em 1989, temos, ainda, a recepção da primeira turma do Programa Internacional, em Planejamento e Políticas de Desenvolvimento Agrícola e Rural para América Latina e o Caribe. Inicialmente postulado como um novo mestrado esta atividade converteu-se, em 1991, em uma área de concentração do mestrado. No início dos anos 1990, consolidava-se assim uma nova reformulação do curso de mestrado que conta[va], deste então, com três áreas de concentração: Desenvolvimento Agrícola (DA), Sociedade e Agricultura (SA) e Planejamento e Políticas para América Latina e Caribe (PALC).(Moreira, 2007, 131-132)

No início dos 2000, pelo menos naquilo que me diz respeito, o Núcleo Ruralidades potencializou no Programa CPDA, estudos sobre identidades sociais e foi gradativamente configurando o campo de estudos culturais sobre Ruralidades e Mundo Rural. Esta última expressão passou, com a Reforma de 2004, a expressar o campo temático do próprio Programa. (Moreira, 2007).

Em relação ao Laboratório de Afetos, cumpre esclarecer que a categoria de disciplina fundamental não tem o status de disciplina obrigatória no CPDA. Este é um registro necessário para falarmos que sempre tivemos não mais de 10-11 alunos por turma, e em um dos casos, 3 durante um semestre, o que talvez tenha potencializado os resultados dos afetos vividos nos estados abertos de consciência produzidos em nossos encontros. As considerações teórico-discursivas sobre Natureza e Sociedade na disciplina da Pós-graduação estiveram focadas, desde seu início, às questões de história social, desenvolvimento sustentável, ciência e consciência ecológica associada à formação profissional e ao rural da vida das pessoas no campo, em especial camponeses, trabalhadores, famílias e comunidades, bem como nas representações sociais sobre o campo, tal como os estudos do rural na literatura e no pensamento social do campo temático da Área Sociedade e Agricultura.

Para interpretar as experiências humanas 11 anos de Laboratório, tomo como pressuposto o fundamento Terra-Vida e a noção de Terra Globalizada para referimo-nos aos fenômenos das globalizações dos últimos 50 anos.

Preliminares sobre multiplicidades nas interações Natureza- Sociedade

A concretude da Vida, de nosso Ser e Estar-no-mundo, tem na dinâmica do planeta o fundamento de sua humanidade. Como já argumentamos em textos anteriores deste mesmo livro, a origem concreta da humanidade – do *Homo Sapiens*, há cerca de 200 mil anos atrás (Harari, 2015) – estaria materializada nas pulsões eletromagnéticas geológicas e orgânicas da Terra. O domínio socialmente construído de controle e apropriação da fonte de vida e das pulsões de que falamos constituem as contingências dos poderes sócio-históricos e naturais

distintos a cada cultura, e a cada um de nós. Em termos gerais planetários são essas contingências em suas multiplicidades e transversalidade de platôs que constituem as individualizações sem sujeito deleuze-guattariana, condições de existência de hecceidades-almas e de identidades corpo-mente-espírito/alma do ser humano natural. Uma existência de estar e vir a ser sempre em movimento dinâmico materializado e socialmente injusto e desigual.

A Terra como totalidade constitui-se como totalização aberta, assim como nós mesmos, às forças cósmicas. Esse pertencimento comum é que nos dá uma identidade comum, uma humanidade socioecocósmica. Ao postular este conceito, expressando sua obviedade, temos como objetivo de abrir o pensamento à materialidade concreta dos fluxos dinâmicos eletromagnéticos, que nos movem, nos põe nos movimentos da Vida.³

Na era das comunicações contemporâneas, das redes múltiplas de comunicações, da energia nuclear, dos fogões micro-ondas, dos celulares no cotidiano de nós todos, já não há espanto absoluto em se falar da materialidade-energética como concreta e real, Há? É disto que estamos falando.

O petróleo são modos de ser de contingências energéticas. Eu e você também. Com esta noção, qualquer coisa que olharmos e virmos, e mesmo as que não vemos - como demonstraremos - têm materialidade-energética. Não? O som, o cheiro, odores. Como os ouvimos e o cheiramos? As ondas calóricas, frias ou quentes.

Esse comum ecocósmico, no entanto, nos diferencia, pois os ambientes que vivemos são diversos. Diferenciam-se em uma diversidade geológica e orgânica de macro e micro ecossistemas.⁴ Porém em articulações múltiplas e diferenciadas: matéria e fluxos terrenos bioquímicos e orgânicos. A vida na terra se apresenta como uma soma de faunas e floras relativamente independentes com fronteiras por vezes movediças ou permeáveis. As áreas geográficas só podem abrigar aí uma espécie de caos ou, quando muito, harmonias extrínsecas de ordem ecológica, equilíbrios provisórios entre populações. (Deleuze e Guattari, 1995, p. 63) Em suma: os estratos estão sempre sendo sacudidos por fenômenos de quebra e ruptura, seja no nível dos substratos que fornecem materiais⁵, seja no nível das “sopas” que cada estrato

³ Guattari (1992) postula a caosmose (de caos) como o paradigma estético da cidade subjetivada e da esquizoanálise, do “capitalismo e esquizofrenia” (Mil Platôs).

⁴ Para um análise das concretude sócio-políticas destes processos ver (Moreira, 2007)

⁵ Como a recente catástrofe, de 5 novembro de 2015, do estouro de barragens da Samarco Mineração, 11ª exportadora do país, empresa extratora de minério de ferro e exportadora de pelotas, no município de Mariana, MG, gerando o “tsunami de areia movediça”, uma onda de ganga – a lama de detritos da mineração de ferro –, que fluiu descendo a serra no sistema da bacia do Rio Doce destruindo que destruiu o distrito de Bento Gonalves. Diz um analista especializado em jornais, a onda de lama é um monstro mutante, a camada da superfície é mais

comporta (sopa prebiótica, sopa prequímica...), seja no nível de epistratos que se acumulam, seja no nível dos paraestratos que se ladeiam: por toda parte surgem acelerações e bloqueios simultâneos, velocidades comparadas, com diferenças que criam campos relativos de desterritorializações. (Deleuze e Guattari, 1995, 71)

Um terceiro grande grupo de estrato, por uma nova destruição do conteúdo e da expressão do que por uma essência humana. A forma de conteúdo torna-se *aloplástica* - e não *homoplástica* - por operar modificações no mundo exterior. A forma de expressão torna-se linguística. Opera por símbolos compreensíveis modificáveis de fora: a técnica e a linguagem, a ferramenta e o símbolo, a mão livre, a laringe flexível, gesto e a palavra tem sua origem absoluta no gênero *Homo*, uma distribuição propriamente humana. (Deleuze e Guattari, 1995, 77).

Agora, é a linha de tempo propriamente humana que nos empurra para os estratos geológicos e orgânicos, dando a eles uma nova organização de conteúdo-expressão. Por seu conteúdo tecnológico não se deve apenas entender a mão e as ferramentas, mas a máquina sociotécnica que constitui estados de força ou formação de potência. Por expressão simbólica ou semiótica, não se deve entender apenas a face e a linguagem, mas uma máquina semiótica. Um regime de signos é muito mais que uma língua: atua antes como agentes determinantes e seletivos, tanto para a constituição das línguas, das ferramentas, quanto para seus usos, suas comunicações e difusões mútuas ou respectivas.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

O que há são multiplicidades discursivas (significante), de expressão, de um lado, e não-discursivas (assignificante), de conteúdo, de outro. Em suma: não se deve jamais confrontar palavras e coisa supostamente correspondentes, nem significantes e significados supostamente conformes, mas sim formalizações distintas em estado de equilíbrio instável ou pressuposição recíproca “o que se vê não habita jamais o que se diz”. Conteúdo e expressão não são jamais redutíveis a significante-significado. (Deleuze e Guattari, 1995, p. 84-85).

Os fluxos quânticos e eletromagnéticos, – a nossa hipótese -, a cada vez diferentes em suas multiplicidades, expressam e agenciam distintos fluxos de pulsão de Vida – multiplicidades transversais de todos os estratos – tornam-se individualidades sem sujeito.

Cumprir destacar que:

fluida, tem o comportamento da água, fluida demais para que se ande e viscosa em excesso para que se nade. Na superfície mais fluida, na parte próxima do solo, ao arrancar a terra deste, engrossa e se torna mais lenta e densa, como um sólido, Já atingiu após percorrer cerca de 600 quilômetros o mar no Espírito Santo.

A terra recebe um bombardeio contínuo de quantidades de energia, ficando protegida desse ataque através da atmosfera e da magnetosfera. A atmosfera consegue proteger a terra em mais da metade desse ataque de energia, filtrando-as num conjunto de radiações ao qual denominamos de “espectro eletromagnético”. Os raios cósmicos, em sua maioria originados das estrelas, são a mais poderosa de todas essas radiações, sendo praticamente constituídos por prótons que viajam em altíssima velocidade e que ao se chocarem com as camadas exteriores da atmosfera, desintegram as moléculas de ar, criando outras partículas quase tão energéticas quanto eles próprios. (<http://procuramedicinaenergetica.com.br/CANETA.htm> , Acesso, 20/11/2015)

Nesse sentido os fluxos quânticos do universo cósmico e os fluxos eletromagnéticos são fenômenos distintos. Os fluxos eletromagnéticos expressam em contingências distintas individualizadas do viver e do vir a ser de homens e mulheres em diferentes ecossistemas terrestres, de um lado, são os seres vivos e entes geológicos que nos contem, de outro, são subjetividades coletivas e individuais, com suas próprias ambiências e contingências. Ambos, o extrato geológico e orgânico, na medida em que na dinâmica evolutiva da Terra antecedem e são condições de existência da humanidade do *Homo* e não somente da humanidade *Homo Sapiens* estariam presentes e atuantes como uma instância profunda do inconsciente coletivo. Se sim, isto impõe a nós uma reformulação de nossa hipótese inicial: fluxos eletromagnéticos emergentes dos diferentes estratos geológicas e orgânica da vida são dimensões inconscientes de nosso existir e, ao mesmo tempo em que constituem a energias eletromagnéticas e nos colocam em movimento, revelam a noção de inconsciente coletivo associada à imagem do *homem arcaico* junguiana e de *alma arcaica ameríndia* de Gambini, como veremos.

Por um pensar junguiano

Quanto ao pensamento junguiano ousei fazer um pequeno resumo com base em Ballone (2005) visando estabelecer um elo de significação com Deleuze e Guattari. Estes autores elaborando sobre o devir intenso, o devir animal e o devir intempestivo (Deleuze e Guattari, 1997, vol.4, pp. 11-114) citam explicitamente Jung, distinguindo-o de Freud e Lacan, ao mesmo tempo em que abrem um campo para falarmos do *Self*- alma junguiano, que seria o Arquétipo central mandálico, mítico, mas já individuado em uma totalidade inconsciente-consciente pessoal [Ego, Persona, Sombra, Self] mas não fechada às interações societária com o Outro. Seria esta formulação junguiana distinta do inconsciente coletivo deleuze-guattariano do devir intenso, animal e intempestivo, sempre possibilitado a emergir tensionando o consciente coletivo e individuais em evento únicos contingentes, em individuações sem sujeito? A hecceidade-alma de que falamos ao falar dos afetos? No entanto, a noção de alma arcaica junguiana, mesmo que apenas intuída pelo autor como a dimensão orgânica expressa em nosso código genético comum, seja ele associado à espécie *Homo Sapiens*, 200 mil anos atrás, ou ao gênero *Homo*, 2,5

milhões de anos atrás? Este já com instrumentos de pedra – como nossos ameríndios, digo eu preliminarmente para instigarmos a pensar na diferença destes com o *Homo Sapiens* Ibérico das guerras de conquista na contingência das grandes navegações, o uso do ferro, da pólvora e da tecnologia da navegação e dos mapas: máquinas de conquista e de guerras.

Qual dessas representações seria mais adequada para falar das pulsões da vida como pulsões eletromagnéticas quânticas, afetos, como sugere o título deste texto? Pulsões energéticas que atravessam os estratos geológico, orgânico e da humanidade e nesse sentido por mim tratados com pulsões da Vida, na Terra.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

O que seria a alma arcaica das categorias teórico-analíticas de Jung? Seria ela referida aos pré-hominídeos ao gênero *Homo*? Ou, à da diversidade de espécies do gênero *Homo*, desde os primeiros artefatos de pedra, osso, espinhas de peixe? Ou, ainda, já como o primeiro grupo de ao *Homo Sapiens*?

“Jung escreveu que cada uma das principais estruturas da personalidade - o Ego, a Persona, a Sombra, a Anima (nos homens), o Animus (nas mulheres) e o Self - seria um Arquétipo, (Ballone, 2005).

O *Ego* é o centro da consciência fornece um sentido de consistência e direção em nossas vidas conscientes. A *Persona* é a forma pela qual nos apresentamos ao mundo. É o caráter que assumimos; através dela nós nos relacionamos com os outros. Para Jung, a *Sombra* é o centro do inconsciente pessoal, o núcleo do material que foi reprimido da consciência, inclui aquelas tendências, desejos, memórias e experiências que são rejeitadas pelo indivíduo como incompatíveis com a *Persona* e contrárias aos padrões e ideais sociais. Seria este o Id (Isto) freudiano que, com o Super-ego, o inconsciente coletivo em nós, comporiam o campo do inconsciente pessoal que tensiona o *Ego*, da identidade racional-cartesiana do sujeito do Iluminismo. Domingues (1999, p. 31-68) argumenta que esta dialética inconsciente-consciente freudiana foi fundamental para a (des)centração da imagem do indivíduo racional, autônomo do social, absoluto.

O *Self* é da ordem e totalidade da personalidade, entendendo que para Jung consciente e inconsciente não estão necessariamente em oposição um ao outro, mas complementam-se mutuamente para formar a totalidade. Como o Self

é com frequência figurado em sonhos ou imagens de forma impessoal, como um círculo, mandala, cristal ou pedra, ou de forma pessoal como um casal real, uma criança divina, ou na forma de outro

símbolo de divindade. Todos estes são símbolos da totalidade, unificação, reconciliação de polaridades, ou equilíbrio dinâmico, os objetivos do processo de Individuação. (Ballone, 2005)

A hecceidade-alma não seria isto? Se de um lado, sempre a mesma, de outro, sempre diferente, pois a cada evento uma nova completude totalizada, considerando que em uma epifania, um evento particular pode significar a mutação do próprio Self, como nas conversões religiosas, mas não só. Os acontecimentos de Laboratório tiveram este poder de mutação? E, quanto a Reich?

No início do Séc. XX, o Dr. Wilhelm Reich, realizou várias experiências afirmando a existência de uma energia primordial, pré-atômica, livre de massa e que em determinadas condições, podiam-se formar partículas de massa. Essa energia a que ele se referiu como “orgone” permeava todas as coisas vivas e penetrava todas as formas de matéria, mas com diferentes níveis de velocidade, interagindo com estas, sendo atraída e absorvida por umas ou repelida e refletida por outras. Dentre estas partículas o orgone ocupa posição de destaque, pois está presente tanto no macrocosmo, como no microcosmo, sendo sua função de vital importância nos processos metabólicos dos seres vivos, cuja assimilação se faz através dos alimentos que comemos, do ar que respiramos, da água que bebemos, e conforme comprovou o Dr. Reich, a carência desta energia orgônica no corpo humano, provoca desequilíbrios energéticos no corpo físico e que chamamos de “doenças”. Pelo descrito acima podemos concluir que o “orgone” é onipresente, e que assim como os peixes estamos imersos num “oceano de energia orgônica”. (<http://pro-curamedicinaenergetica.com.br/CANETA.htm>, Acesso 21/11/2015).

Podemos concluir também que o espectro eletromagnético, na concepção de Reich expressaria o orgone. O que nos indica que o inconsciente reichiano é mais amplo que o inconsciente profundo junguiano. Registre-se que Reich lida com o biopsiquismo, com o processo social de encorajamento do corpo e postula uma terapia psicossomática revolucionária, das massas e do anarquismo. Fiquemos por aqui

Sobre as pulsões da Vida e Hecceidade-alma

Quando falamos em identidade socioecocósmica, o cósmico postulado não se reduz ao anímico pré-socrático, mas o contém. Nesse nosso raciocínio amplo, não importa, ainda, o mito de origem sagrada ou profana da humanidade, no entanto pretendemos demonstrar a possibilidade, e mesmo a necessidade de imaginá-lo, criá-lo e crê-lo.

O argumento sobre as ondas eletromagnéticas constituírem-se, em nossa interpretação como asda pulsões da Vida, foi desenvolvido no *Pedagogia de Afetos em Laboratório: uma construção coletiva*. Na Galeria 3. Imagens do espectro eletromagnético (Figura 4) temos a afirmação de que à luz da física o Universo é quântico. Tal postulação é verdadeira tanto na teoria da relatividade geral einsteniana quanto na hipótese teoria concorrente da teoria das Supercordas.

O mundo das supercordas contem Mistério e realidades ocultas, mundos paralelos e opera, em sua compreensão teórica, com 11 dimensões de espaço e uma de tempo, enquanto o mundoeinsteiniano opera com três de espaço e um de tempo. (Grenne, 2001, 2005)⁶.

Na Figura 1 (Galeria 3) vejam a pequenez relativa do que podemos ver dentro daquilo que seria o campo de ação das ondas eletromagnéticas. Acima da constante da luz c , abaixo da constante de Planck, o campo quântico do universo cósmico, mas, mesmo no mundo do eletromagnetismo terrestre – do orgone reichiano – há um mundo inacessível ao nosso conhecimento direto pelo olhar. O espectro visível da luz que nos aparece encantando com o fenômeno do Arco Iris, sendo este é uma intrincada hecceidade, no sentido deleuze-guattariano: uma criação sem sujeito. A luz solar com as condições mutantes da atmosfera terrestre – nuvens, graus de umidade, ventos, ar – e um ser humano com sua capacidade específica de ver e em uma determinada posição criam o Arco Iris. Observem as medidas e o campo de fenômenos; a exemplo do raio gama, do raio X, das ondas de rádio. Ouvimos o que não vemos. Em um raio, a luz nos chega primeiro, depois o trovão. Há elos afetivos com seres vivos com diferentes fenomenologias perceptivas. Concordam?

Abaixo na Figura 2, o campo de ação de algumas tecnologias já de uso comum em nossas vidas. O acesso fácil viabilizado por pesquisa nos endereços eletrônicos indicados poderá enriquecer os saberes dos interessados. Convivemos e interagimos por meio da tecnociência com dimensões dos fenômenos ondulatórios dos corpos e entes físico-orgânicos e minerais; sentimos e somos sentidos por outros, humanos e não-humanos. Isto é interação energética. Em uma interação entre humanos, o som da fala, a dança dos gestos, o cheiro, o olhar, não são todos fenômenos energéticos? Na figura 3, alguns registros de irradiação energética de água limpa, suja, solo arenoso e argiloso, plantas. Mesmo nesses casos, nem tudo é visível. No espectro, em geral, ondas longas e curtas revelam a ação presença de corpos distintos. Hum! Dizemos às vezes, na presença dessa pessoa, ou neste lugar, sinto energia boa, ou ruim. Há arte de produzir energeticamente as vibrações de um lugar. As cores da pintura, por exemplo, é uma das mais usuais.

A energia do lugar, no nosso caso em estudo, da sala de aula teórica que como num passe de mágica vira um Laboratório de Afetos. Como você se comporta numa Igreja? E um velório? Uma festa? O que a bateria das escolas de samba provoca em você? A música é a manipulação artística de instrumento e vozes que podem produzir êxtases, não?

⁶Não se preocupem, não é esta a questão de que trataremos aqui, pelo menos não dessa forma.

Seja qual for a resposta a esse Mistério que carregamos em nós, a Vida se realiza via pulsões energéticas que nos coloca (em)moção. Essa seria a concretude material comum de nós mesmos.

O raciocínio amplo de dimensões geológica e orgânica com pré-requisito da humanidade, em princípio, poderia ser associado ao da *physis* grega pré-socrática não o é. A postulação de uma identidade cósmica exige a expansão daquele conceito de *physis anímica*. Ibaixe Jr (2015) esclarece que o significado anímico pré-socrático é visto como força primordial, princípio que compreenderia a totalidade de tudo o que é, portanto esta força individualizada poderia ser apreendida em tudo o que acontece, como espírito ou alma dela. Esta postulação é distinta daquela que estaremos formulamos com Deleuze e Guattari e que pretendemos elucidar no decorrer da argumentação.

A antropogeografia, nos diz Moraes (2014, p.16), fala do Mundo Espiritual - nível humano de consciência -; do Mundo de Forças anímicas - nível animal de consciência -; Mundo de Forças da Vida - nível vegetal de consciência; e, Mundo físico – nível mineral de consciência.

Cumprido considerar em primeiro lugar que a dessemelhança do conceito pré-socrático envolve uma cronologia que compara a imaginação de cerca do séc. 7 a 5 mil anos aC à imaginação humana de hoje, na qual, para física o Universo é quântico (Galeria 3, Figura 4). O real pensado pela ciência do eletromagnetismo e, em algum grau manipulado pela tecnociência contemporânea, é diferente do real anímico pensado pelos pré-socráticos, pois este não abarcaria nível mineral da consciência postulado pela antropogeografia. A noção de *anima* e *animus* junguiana não consideraria o inconsciente profundo do mundo físico interagindo em nós.

Se pulsões primordiais da vida puderem ser compreendidas em sua concretude como as pulsões eletromagnéticas do mundo físico quântico, matéria-energia invisível, porém sensível, sua concretude material-energética vai além da pulsão-libido freudiana e lacaniana, restrito ao inconsciente propriamente humano, bem como ampliaria a noção junguiana de alma arcaica, para além do código genético, aproximada à concepção reichiana do orgone.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Se tivermos almas elas são terráqueas, mesmo que sejam algo mais do que isto, somos almas terráqueas, identidades ecocósmicas.

Gambini (2004), sobre a alma ancestral:

Um conjunto de observações da natureza que se estruturou e confirmou ao longo de séculos e séculos, produzindo conhecimento sobre a terra, o corpo, a mente, o espírito, o grupo, os outros e os deuses, a flora e a fauna, a meteorologia, as águas, o vento e o fogo, a cópula, os sentimentos, a dor, os desejos, a morte e o além, o horror, o encantamento e a eternidade. Isso tudo cria alma (...) O nome disso tudo é alma ancestral, que passa a ser o patrimônio humano supremo, transmitido pela educação quando possível e que com o passar do tempo acaba se incorporando como uma qualidade da cultura e da consciência (Gambini, 2004, Sp).

E, cada um distintamente, apesar de em uma só Terra, em infinitos rincões desde as fimbrias metropolitanas, dos médios e pequenos povoados e da imensidão do que ainda podemos chamar de mundos rurais está posto e entrelaçado em redes de pertencimento e afetos – fluxos de energias sensíveis - que unem Terra Natureza e nós humanos em pulsões de Vida. Infinitamente distintas, mas que em suas individuações múltiplas sem sujeito, nos movimentam como *hecceidades-almas*.

Com o modo de ver de Deleuze e Guattari (1997, 11-114) podemos interpretar aquele espaço-contingência de interação científica pleno de intensidade emotiva, como afetos. Estes tensionavam os saberes científicos e certezas dos alunos, e, ao mesmo tempo, visões de mundo de cada um dos participantes. O Laboratório era um campo de intensidade, estimulador de possíveis devires. O próprio Laboratório era uma individuação sem sujeito, de devires-intensos, devir-animal, devir-imperceptível, pura *hecceidade*. Este seria um modo de individuação, um evento único, individuado, produzido pela multiplicidade das interações. São, em um sentido mais preciso, as contingências energéticas das materializações *geológicas* e *orgânicas* que orquestram nossa *concretude corpo-mente-espírito/alma*.

É nesse sentido que alguns autores deleuze-guattarianos falam em *hecceidade-alma*. Uma fenomenologia instantânea e múltipla de surgir, se fazer sentir e desaparecer, já não mais sendo. Aquela contingência única que nos criou não mais cria o mesmo criado que já fomos.

Nos textos que leram até aqui e nas práticas laboratoriais relatadas em demasia, a noção whiteheadiana de evento único está sempre presente, seja na prática de *o mesmo*, que depois de experimentado já *não é o mesmo*. Hecceidade é devir: o que foi, quando falado já não é mais. Falava-se, por exemplo, “minhas certezas rolaram água abaixo”. Qual teria sido a *hecceidade* que produziu este rolar de certezas? A famosa lenda da maçã caindo na cabeça de Newton e o ahn!!!, gerador de sua formulação das leis de gravidade.

A Vida nos dá – nos cria - e aos seres vivos e sensitivos - em um emaranhado energético, distinto em cada ecossistema, que por sua vez configuram e são configurados por fluxos que expressam-se em geologias distintas, no Norte e no Sul, nos climas temperados, frios,

desérticos, pico, montanhas, mares e em biodiversidade espantosa nas dimensões orgânicas da vida.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Voltando ao argumento: se expandirmos a noção orgânica de sensibilidade para uma noção geológica de sensibilidade eletromagnética passaríamos a vermos a Terra como um ser vivo sensitivo, doador de vida, emocionado, não? Olhai os lírios no campo..., o fruto do pecado..., a fonte do rejuvenescimento, as plantas xamânicas, sagradas, o lugar dos espíritos e,

dos caboclos, mestres e outras entidades conhecidas na religiões afro-brasileiras pelo nome genérico de encantados, concebidos com espíritos de homens e mulheres que morreram ou então passaram diretamente deste mundo para um mundo mítico, invisível, sem ter conhecido a experiência de morrer: diz-se que se encantaram. No universo plural das religiões afro-brasileira, ou afro-índio-brasileira, essas entidades constituem o panteão especialmente brasileiro, justaposto ao panteão de origem africana formada pelos orixás iorubanos, vodunsjejes e inquices bantos (Prandi, 2004, 7).

Em que medida não podemos ver nessas representações imaginadas a concretude múltiplas de individuação sem sujeito, as *hecceidades-almas* deleuze-guattarianas? (Ver Galeria 3.)

As contingências científicas das intuições do Professor dos Laboratórios

Nos momentos anteriores a 2004, os poderes sociais de controle desses recursos naturais já eram por mim, problematizado politicamente, sem o significado que hoje eu atribuiria. Ressignificando o debate clássico sobre renda da terra, falava em renda da natureza para falar sobre a apropriação privada da biodiversidade (Moreira, 1998), e das contingências (ambiências) mutacionais cidade-campo, da ordem mundial desde as revoluções burguesas interpretando politicamente os mundos rural-urbanos no Centro e na Periferia (2002a; 2002b), bem como posteriormente em renda de territórios ecossistêmicos (Moreira, 2007, pp. 225-234) ao mesmo tempo em que debatia a noção do fim rural da modernidade e as novas ruralidades (Moreira, 2006). Visualizava tensões em pequenas comunidades e assimetria de poder territorializado em assentamentos rurais, em uma perspectiva, assim ainda não identificada, como de estudos da micropolítica e de subalternia social (Moreira, 2002c; Moreira e Mejia, 2002 d; 2002 e). Especulávamos sobre relações rurais-urbanas tentando entender desenvolvimento humano em regiões metropolitanas (Moreira e Alencar, 2002 f).

Em outra sintonia, mas ainda pensando identidades sociais, agora nas redes científicas de formação profissional de jovens pesquisadores, explorava as questões associada à formação interdisciplinar do Programa de Mestrado do CPDA, sua gênese, sua vivência e suas subjetividades científicas (Moreira, 2002g; 2002h; 2003a). Nos desdobramentos do ensaio

sobre ruralidades e globalizações ensaiava interpretações sobre cultura, política, extensão no mundo rural contemporâneo (Moreira, 2003a; 2003b).

Na disciplina Economia Política da Sustentabilidade (antiga IH 1527, antes de 2004) e Teoria Sociais Contemporâneas (IH 1505), configuradas no interior da antiga Área de Concentração em Sociedade e Agricultura, trabalhava com meus alunos, dentre outros autores⁷e, finalizando, com destaque pela importância que a ele atribuo em meu pensamento e emoções científicas, em especial nas elaborações do dizível e do indizível, da autonomia e alienação, e da paixão e conhecimento, Castoriadis (1978, 1982,1999)respectivamente.⁸

Estas eram as contingências daquela subjetividade científica que intuía ser possível experimentar os afetos, então vistos como subjetividades (em)moção em práticas de Laboratório. Formado em Agronomia, em 1968, Mestre em Ciências Sociais Rurais, 1970, doutor em economia, em 1995, PhD em Economia Política, em 1978, desde então estive em intensa interlocução interdisciplinar no Programa CPDA, deslocando-me em final de 1980, da temática da Área de Desenvolvimento Agrícola, minha tradição até então, para a temática da Área de Concentração Sociedade e Agricultura emaranhando-me no que hoje faço e tenho prazer.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Terra Globalizada: Que mundo é este, o do Laboratório?

Tal questão remete, no livro, ao movimento coletivo destes 11 anos, terminando com os alunos da turma de 2015 (Metodologia de Afetos em Laboratórios). No início eu mesmo fiquei surpreso ao ter que falar de algo que me movia da intuição ao método em um ambiente universitário, com práticas não-usuais.

A parceria com meus alunos sempre me energizou; colocava-me (em)moção. Se podemos aceitar que somos uma razão emocionada e intuitiva como uma das verdades da existência humana, então, pensava eu, naqueles idos de 2004: os alunos que se dispõem a se

⁷ Tais como: Acot (1990), Alier (1997), Bourdieu (1989), Brüseke (1992), Capra (1996), Castells, (1979; 1999), Domingues (1996), Dupuy (1980), Elias (1994), Elias e Scotson (2000), Featherstone (1996), Heilbroner (1988), Heinich (2001), com destaque para a sociologia dos afetos e o espaço das interações de Norbert Elias, Huntington (1994), Jameson (1996), Kumar (1997), Lenoble (1990), Macneill, Winsemius e Yakushiji,(1992), Rubin (1980), Therborn (1995), Thomas (1988) e Wood (2000).

⁸ Para detalhes da interlocução com a bibliografia nas aulas teóricas de IH 1527 ver as versões do Programa de 2004 (Anexo I) de 2011(Anexo II) e 2015 (Anexo III) como indicadores de mudanças e permanências na bibliografia utilizada nesses 11 anos.

especializarem em Ciências Sociais e Humanas, no mínimo esses, precisariam reconhecer em suas interações de pesquisa e ensino sua própria humanidade. Necessitamos de ciências humanizadas que, penso eu, nem por isto poderá deixar de ser perversamente utilizada na opressão social, econômica e política, guerreira mesmo...

Sociologia dos afetos, fenomenologia das percepções, magmas societários socialmente imaginários, quase pura ilusão, moviam-me para os fenômenos da mentalidade e da cultura, ao mesmo tempo em que buscava reconhecer individualidades em movimento nos processos de socialização, afinal, cada aluno, era uma singularidade de multiplicidades. Naqueles tempos, anteriores a 2004 é que adentrei em dimensões locais e globais do estudo de identidades sociais. Com Elias, a inseparabilidade sociedade-indivíduos, ou indivíduos em sociedade, quando postulava um novo mito, distinto do de Adão e Eva: no início éramos pré-hominídeos grupais que passaram sistematicamente a se comunicar simbolicamente por signos. Originalmente articulando o ar-pulmão, glote, músculos faciais e da garganta de onde saíamos de uma comunicação não falada para a falada.

Mente e o conceito de mentação de Capra, que faz sintonia com a Escola de Santiago da Biologia e com o tão bem acolhido conceito de *autopoiesis* dos seres vivos - inclusive células - que por existirem em interações abertas e fechadas - ou seja, moventes à abertura com o exterior e fechada em suas relações internas - autopõem-se com possibilidades de criações de novos seres. Concebidas em um neobiologismo que postula, assim, a criação em processo sem sujeito, assemelhado à criação sem sujeito, pura hecceidade de Deleuze e Guattari (1995, 1997)⁹.

A expansão dessa prática significava promover, para além da razão (teoria) e do olhar (a visão) a consciência de que percebemos e nos relacionamos como corpo e seus sensores de sentido, mesmo que não tenhamos ciência disto (Lowen, 1982; Bertherat, 1982; Gaiarsa, 1984; 1994; Freire, 1991). Se isto é verdadeiro, a busca de método que possa ampliar a percepção fenomenologia do *cientista-participante* é uma questão relevante a todas ciências, afinal o xamã e o físico são igualmente humanos¹⁰. O cientista só tem acesso a registros e indicadores da essência social de comunidades (Moreira, 2006), no mundo das significações e das disputas

⁹Volumes 1 e 4 de Mil Platôs.

¹⁰A esta frase o Dr. Celso Ramos Filho, membro da Academia Brasileira de Medicina, a quem eu contava a aventura dessas minhas postulações em conversa-consulta de 18/11/2015, reagiu falando da experimentação científica e dos protocolos médicos, e, pontualmente, de Reich. Essa conversa trouxe-me à mente leituras (Lowen, Bertherat, Gaiarsa e Roberto Freire) e práticas de biodinâmica, associadas à biopsicologia de Reich e, fez-me lembrar que minhas postulações deleuze-guattarianas se assemelhavam às postulações de Reich, que já incorporei nessa escrita final. Obrigado Doutor.

de sentidos da *sujeição social* e não das ações de coletivos/matilhas/bandos animais e coletivos humanos dos extratos geológicos e orgânicos e humanos assignificantes (pedras/cristais/minérios, oceanos/lagos/rios, florestas e atmosfera) e das dimensão quânticas (ondas de luz, eletromagnéticas, ondas sonoras, calor-frio, odores), tudo compondo as multiplicidades em pulsões inconsciente e pré-consciente propriamente humanas reificadas como naturais da Vida (Deleuze e Guattari, 1995; 53-91). Tal é o conceito de *servidão maquina* dos filósofos.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Somente hoje ao escrever sobre essa pedagogia e metodologia de afetos, depois de muito estudar e refletir, refletindo também intensamente, que ousou escrever sobre isto e sobre minhas intuições que, em 2004, nos movia a falar dos afetos com objetos, coisas e vasos.

Os afetos, tanto em suas expressões antigas, medievais, modernas e pós-modernas, promovem adensamentos da imbricação/transversalidade mente-corpo-fenômenos da Natureza e também nas cosmologias de nossos ameríndios.

Disse nosso e não do ameríndio alma arcaica que está em mim e sempre esteve. Jung (1993, p 9-93) postula uma alma arcaica presentes nos arquétipos, Gambini (2004), fala da alma ancestral brasileira, Viveiros de Castro (2002) analisa o perspectivismo ameríndio e da inconstância da alma ameríndia, Roger Bastide (2006; 250-272) fala sobre o sagrado selvagem, e Mircéa Eliade (1992; 99-132) em seus escritos sobre o sagrado e o profano demonstra como o sagrado funciona e sua centralidade na identidade social coletiva.

Sobre filosofia *perenis*, hecceidades e terra quântica

Voltando a Wilber (1999) e seu diálogo com os místicos e o campo do paradigma holográfico. O autor, utilizando-se como chave de comunicação entre místicos e físicos quânticos, recorre à Filosofia *Perenis*, que desde a Renascença significa a totalidade das verdades primordiais e universais – e, por essa razão, dos axiomas metafísicos – cuja formulação não pertence a nenhum sistema em particular. Com ela Wilber reconhece seis níveis da Vida e seus seis *campos de expressão* (físico, biológico, mental, sutil, causal e supremo), seis *modos de manifestação* (respectivamente: matéria-energia não viva; matéria-energia viva sensitiva; ego, lógica e matemática; transindividual, arquetípica e intuitiva; radiância sem forma, transcendência perfeita; e, a consciência em si, que para o místicos é a fonte e natureza de todos os outros níveis). O autor continua nomeando os respectivos *modos de conhecimento*, ciências

da física matéria-energia e físico-químicas; ciências biológicas; matemática, filosofia e ciências humanas e sociais; ciências das linguagens de culturas sagrada, religiosas e de arquétipos; da sabedoria religiosa; e, finalmente do despertar da consciência perfeita, este nível é próprio das epifanias de contato e da vivência com o Todo, ou com o Divino). Ao situar o debate, Wilber argumenta que os físicos quânticos falam dos fenômenos do primeiro nível e os místicos de fenômenos do sexto nível, o da consciência em si. Sim, para o autor: o diálogo é possível mas seriam esferas distintas que estariam representadas em seus significados.

Em outra interlocução, Whitehead (1993, 193-226) em suas Conferências de 1919, dirigidas aos químicos, colocava a questão do evento único na Natureza. Para ele todo evento natural é único, não se repete, e elucidava como o conhecimento já dado tende a representar tal evento como algo já conhecido. Daí emerge a consciência de nossos pré-conceitos – fato humano por excelência –, um dado da cultura que tende a fixar/representar o novo com algo já dado e sabido. Nos Laboratórios indagava insistentemente aos alunos se o observado era o mesmo anteriormente percebido em aulas anteriores e praticava a ampliação da percepção para além da razão e da mente dos modos de sentir os afetos, que pleiteávamos fazer surgir nas aulas.

Eliade (1993) elucidava a essência das religiões na produção da coesão social na conexão com o alto do céu e baixo da profundidade da terra, bem como a centralidade da coesão social no sagrado e que como do centro para todos os lados da horizontalidade da superfície suas montanhas, planaltos e vales e sua biodiversidade estariam ocorrendo reduções desta coesão como a presença-ausência do Outro, que acaba por dividir o mundo divino do profano e do nós sagrado.

Em nossa cotidianidade de cientista, somos *pesquisadores-participantes* pertencemos a uma cultura e somos por ela afetados por tomarmos como expressão natural aqui que foi socialmente imaginado como real natural mas que, por isto mesmo, é um real-imaginado, fonte de nossos pré-conceitos. Penso aqui nas relações entre a história reificada e a história incorporada e do espaço social e gênese das “classes” (Bourdieu, 1989), que nos posiciona para uma não neutralidade absoluta, mas também no fetichismo da mercadoria (Rubin, 1980) e na sociologia e a desfetichização da realidade (Heller, 1991). Com essas práticas de Laboratório, eu procurava provocar estados alterados de consciência.

As práticas que adotamos fizeram surgir fenômenos que apareceram nos registros discursivos da Turma de 2004, e nas seguintes, sem exceção. Fazer com que o ouvir, tocar, cheirar, sentir, etc. de um *participante-observador* seja realizado conscientemente altera o que considerávamos ser o próprio objeto. Esta vivência foi, e é, parte fundamental desta pedagogia.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Se associarmos aos seis níveis da Filosofia *Perenis* em comparação representativa com os três estratos de Deleuze Guattari (1995) - da geologia da moral, anteriormente exposta -, a saber: os extratos geológico; orgânico e humano da servidão maquínica, os três níveis últimos da Filosofia *Perenis* - a saber: o transindividual, arquétipo e intuitivo; o da radiância sem forma e transcendência perfeita; e, finalmente o consciência em si desaparecem na representação deleuze-guattariana. Nesta os níveis 4, 5 e 6 da *Filosofia Perenis* submergem ao campo da semiótica assignificante, inconsciente coletivo e individual, da servidão maquínica. No entanto, seus indicadores de existência só nos aparecem por meio da semiótica dos modos de conhecimentos, da representação e das disputas de sentido e significações do mundo humano. No campo do conhecimento podem expressar o sentimento de, e a pretensão de, superioridade da humanidade de saber tudo sobre o mundo como ele é incluindo o mundo geológico e orgânico, cósmico mesmo, da Terra, do Sistema Solar, das Galáxias e do Universo. Os três níveis envolvem as emoções, própria do pertencimento sutil, religioso e da consciência em si. Pura imaginação? Como assim dizer, se as crenças e as ideologias movem as significações sociais movendo-nos a nós mesmos?

No universo maquínico da vida humana, a individuação sem sujeito seria o campo primeiro da criação do devir outro. Sem totalização, mas sempre totalizante pelos mesmos fenômenos da coexistência em diferentes extratos no interior de cada estrato. Seriam fluxos de multiplicidade em linhas de fuga, que no instantâneo das *hecceidades-almas*, dos eventos únicos, são meros indicadores, índices e registros de conhecimentos que já não o são mais. Indícios de almas e espíritos se acariciado e se explorando; mais isto é outra história.

Seriam sempre fenômenos coletivos de multiplicidades, coletividades e multidões em coexistênciabergsonianiana, registram os filósofos. Interações complexas em codeterminação coletiva e transversal também entre níveis. Somos Terra, Água, Fogo, Ar, Luz e Outros humanos.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Estaria aí o poder do capitalismo cognitivo da informação e da cognição? Neste, configuram-se sistemas de exploração e de assimetria mais diversas, difíceis de moverem-se para além do desequilíbrio de desenvolvimento desigual e combinado, mesmo em condições de formulação de significados para o desenvolvimento sustentável ou humano. Se continuarmos desconhecendo a servidão maquínica dos processos socioecocósmicos que produzem a nós

mesmos como subjetividade adequada à acumulação globalizada, nossa capacidade crítica é extremamente reduzida. (Lazzarato, 2014; Casanova, 2006).

Para não ficar apenas nas cosmologias do concreto material e natural que denominamos de superfície terrestre, reconhecamos as estrelas, o sol e a lua, o céu sem fundo que vemos como um teto que nos acolhe e protege. O ar, os ventos..., enfim, tudo isto está atuando em cada um dos atos que fazemos e vivemos. Somos terra-água-ar-vida, mas também sol, lua e estrela.

Nossa ambiência e nós mesmos estamos em complexas redes de interações. As interações da fenomenologia perceptiva dos humanos tem sua existência nos dias e noites, nas sazonalidades de estações, distintas e diversas entre os polos, as zonas frias, temperadas, tropicais e equatoriais, nos rituais de plantios e colheita, etc., até ao infinito. Vivemos tudo isto com representações imaginárias..., não? Às vezes tão fortes e equivocadas que esses elos profundos de interação ecocósmica desaparecem..., não da concretude da vida, mas de nossa consciência e da realidade por nós imaginada com real.

Criávamos em Laboratório um ambiente que, por si mesmo, é uma individuação sem sujeito que só agia como tal nas contingências das aulas práticas. Seriam estas aulas espaços de “epifanias” controladas pela prática científica? Vários alunos participantes viram e sentiram em algumas circunstâncias, como a da quebra do vaso e a da comunhão dos bolinhos, algo “sagrado” que estaria acontecendo.

Com o modo de interpretar na perspectiva deleuze-guattariana aquele espaço-contingência de interação científica pleno de intensidade emotivas, como afetos (Deleuze e Guattari (1997, pp. 11-114). Argumentam os filósofos que

o afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz oscilar o eu. (...). Terrível involução que nos chama em direção a devires [animais] inauditos. Não são regressões, ainda que fragmentos de regressão e sequências de regressão juntem-se a eles. Seria mesmo preciso distinguir três espécies de animais: os animais individualizados, familiares, familiares, sentimentais, os animais edipianos, de historinha, “meu” gato, “meu” cachorro; estes nos convidam a regredir, arrastam-nos para a contemplação narcísica, e a psicanálise só compreende esses animais para melhor descobrir, por trás deles, a imagem de um papai, de uma mãe, de um irmãozinho. (...). E depois haverá uma segunda espécie, os animais com características ou atributos, os animais de gênero, de classificação, ou de Estado, tais como os grandes mitos divinos os tratam, para deles extrair séries, ou estruturas, arquétipos ou modelos (Jung é, ainda assim, mais profundo que Freud). Enfim, haveria animais mais demoníacos, de devir, de matilhas, e afectos, que fazem multiplicidade, devir, população, conto... (Deleuze e Guattari, 1997, pp. 21-22)

E avançam, os filósofos se perguntando, mais uma vez, se não são todos os animais que podem ser tratados das três maneiras? Num extremo ser familiar e no outro, todo animal pode ser tratado como matilhas, multidão.

Sim, todo animal é ou pode ser uma matilha, mas segundo graus de vocação variável, que tornam mais ou menos fácil a descoberta da multiplicidade, de teor em multiplicidade, que ele contém atualmente ou

virtualmente, dependendo dos casos. Cardumes, bandos, manadas, populações não são formas sociais inferiores, são afetos e potências, involuções, que tomam todo animal num devir não menos potente que o do homem com o animal. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 22).

São nas multiplicidades de termos heterogêneos, e de co-funcionamento de contágio que o ser humano opera seus devires-animais, distintos dos os agenciamentos sombrios da instituição familiar ou do aparelho de Estado, mas por exemplo as sociedades de caças, as sociedades de guerra, as sociedades secretas, as sociedades de crime, etc. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 22), fazendo-nos lembrar, hoje, do atos terroristas os mais diversos, dos movimentos de ruas, e das linhas de fuga da imigração contemporâneas, bem como no passado, das migrações do século XVI para as Américas, forçadas escravistas, ou livres da reforma e da contra reforma, das lutas de libertação nacional, das guerras de guerrilhas, dos partidos clandestinos e do movimento anarquistas.

Em suma, entre as formas substanciais e os sujeitos determinados, *entre os dois*, não há somente todo um exercício de transportes locais demoníacos, mas um jogo natural de hecceidades, graus, intensidades, acontecimentos, acidentes, que compõem individuações, inteiramente diferentes daquelas dos sujeitos bem formados que as recebem. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 38)

Sobre hecceidade, elucidam os autores.

Há um modo de individuação muito diferente daquele de uma pessoa, um sujeito uma coisa ou uma substância. Nós lhe reservamos o nome de *hecceidade*. Uma estação, um inverno, um verão, uma hora, uma data tem uma individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito. São hecceidades, no sentido de que tudo aí é relação de movimento e de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 47).

Não há, para os filósofos de um lado sujeitos formados, e do outros, coordenadas espaço-temporal do tipo hecceidades.

Pois você não dará nada às hecceidades sem perceber que você é uma hecceidade, e que não é nada além disso. (Você é longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões entre partículas não formadas, um conjunto de afetos não subjetivados, Você tem a individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de *uma vida* (independente da duração); de um clima, de um vento, de uma neblina, de um enxame, de uma matilha (independente da regularidade) (...). Não se acreditará que a hecceidade consista simplesmente num cenário ou num fundo que situaria os sujeitos, nem em apêndices que segurariam as coisas e as pessoas no chão. É todo o agenciamento em seu conjunto individuado que é uma hecceidades; é ele que se define por uma longitude e uma latitude por velocidades e afetos, independentemente das formas e dos sujeitos que pertencem tão somente a outro plano. (Deleuze e Guattari, 1997, pp. 49-50).

Depois de argumentar sobre os panos e suas consistências, as semióticas de cada plano, e da esfera da linguagem de nomeia e define as coisas. Argumentam sobre o plano de imanência, o plano da *Natureza*, que não faz diferença entre o natural e o artificial.

Há apenas relações de movimento e repouso, de velocidades e lentidão entre elementos não formados, ao menos relativamente não formados, moléculas, partículas de toda espécie [inclusive, insisto eu, ondas eletromagnéticas que tudo atravessam]. Há somente hecceidades, afetos. Individuações sem sujeito, que constituem agenciamentos coletivos. Nada se subjetiva, mas hecceidades formam-se conforme as composições de potências ou de afetos não subjetivados. A este plano, que só conhece longitudes, velocidades e hecceidades, damos o nome de plano de consistência ou de composição (por

oposição ao plano de organização e de desenvolvimento). É necessariamente um plano de imanência e de univocidade. Nós o chamamos, portanto, de plano de Natureza, embora a natureza não tenha nada a ver com isso, pois esse plano não faz diferença entre o natural e o artificial. (...) é natural e imanente. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 55).

Não seria esse plano de imanência, aquilo que denominamos neste texto de Terra quântica globalizada na tessitura da tecnociência? Uma hecceidade ecocósmica, como nós mesmos, que no campo da significação – no plano de organização ou desenvolvimento - denominamos como identidade?

Sobre os planos de consistência e de organização: o devir-desejo e a vizinhança

Pensar em dois planos é uma hipótese ainda abstrata, argumentam, os filósofos: “É que não paramos de passar de um para o outro, por graus insensíveis e sem sabê-lo, ou sabendo. só depois? É que não paramos de reconstituir um no outros, ou de extrair de um do outros” (Deleuze e Guattari, 1997, pp. P. 59). É que o plano de organização e de desenvolvimento,

“cobre aquilo que chamávamos de estratificação: as formas e os sujeitos, os órgãos e as funções são ‘estratos’ ou relações entre estratos. Ao contrário, o plano, como plano de imanência, consistência e composição, implica uma desestratificação de toda a Natureza, inclusive pelos meios os mais artificiais. O plano de consistência é o corpo sem órgãos. (...) de modo que o plano de organização não pára de trabalhar sobre o plano de consistência, tentando sempre tapar as linhas de fuga, parar ou interromper os movimentos de desterritorialização, lastreá-los, reestratificá-los, reconstituir formas e sujeitos em profundidade. Inversamente, o plano de consistência não para de extrair do plano de organização, de levar partícula a fugirem para fora dos extratos, de embaralhar as formas a golpes de velocidade ou lentidão de quebrar as funções à força de agenciamentos, de microagenciamentos. Mas ainda aqui, quanta prudência é necessária para que o plano de consistência não se torne puro plano de abolição, ou de morte (...), em regressão ao indiferenciado. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 60).

Sobre o devir e o ser da identificação de uma hecceidade, elucidam os autores, a vizinhança de um espaço corpuscular e quântico, de incerteza e indeterminação.

É que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. (...) Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. Esse princípio de proximidade e aproximação é inteiramente particular, e não reintroduz analogia alguma. Ele indica o mais rigorosamente possível uma *zona de vizinhança ou de co-presença* de uma partícula, o movimento toma toda partícula quanto entra nessa zona. (...) uma hecceidade não é separável da neblina ou da bruma que dependem de uma zona molecular, de um espaço corpuscular. A vizinhança é uma noção ao mesmo tempo topológica e quântica, que marca a pertença a uma mesma molécula, independente dos sujeitos considerados e das formas determinadas. (Deleuze e Guattari, 1997, pp. 64)

Um devir-desejo – pulsões – que nos leve para fora do corpo programado, na vizinhança do corpo enquanto tal na fronteira entre o animal e o humano, uma inumanidade do devir-animal sem que na realidade nos tornemos animal.

(...) já os dois, por sua vez invocam uma zona objetiva de indeterminação ou de incerteza, ‘algo de comum ou de indiscernível’, uma vizinhança ‘que faz com que seja impossível dizer onde passa a fronteira do animal e do humano’, não apenas nas crianças autistas mas em todas as crianças, com se, independentemente da evolução que a puxa em direção ao adultos, haveria na criança lugar para outros devires, ‘outras possibilidades contemporâneas’, que não são regressões, mas involuções criadoras, e que testemunham ‘*uma inumanidade vivida imediatamente no corpo enquanto tal*, núpcias anti-natureza Ifroa do corpo programado’. Realidade do devir-animal, sem que na realidade, nos tornemos animal. (Deleuze e Guattari, 1997, pp. 65).

No decorrer de uma intrincada consideração sobre os devir-mulher do homem e do devir-homem da mulher e o travestismo, dentre outros devires na vizinhança do ser devir-humano e animal, os autores registram, com Fiedler, que explica a aliança secreta do americano branco com o negro ou o índio por um desejo de fugir da forma e do domínio molar da mulher americana, considerações sobre o sonho americano. E, na Europa, com Henri Michaux e suas obras o “miserável milagre” e “as grandes provações do espíritos” associados às drogas os autores registram a percepção de “microfenômenos” ou “microoperações”.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Projetavam-se no professor o controle de um poder “xamânico” que, a rigor, era obra coletiva das interações que se expressavam no Laboratório.

Os registros discursivos revelados e divulgados na leitura deste livro, falam desse sensível invisível. De um vir a ser que não se deixava perceber. A pura *hecceidade* dos filósofos estaria aí, nos fenômenos imperceptíveis? Na agudização das percepções da corporeidade animal de cada um. Na intensidade das emoções e nas expectativas das experiências práticas, as quais sempre pareciam superar as anteriores. O Laboratório funcionava, vejo hoje, como um campo intenso do vir a ser, não-consciente, que opera, na postulação deleuze-guattariana em semiologias mistas, mesclando semióticas assignificante e significante nas zonas de vizinhança entre os planos de consistência e de organização.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Ainda hoje, 11 anos depois de escritos, os ensaios tratam de questões importantes ao campo temático e à prática interdisciplinar que tentamos construir. As pequenas entradas em cena postas com aqueles pequenos textos analíticos finais revelou uma indagação desperta, uma sensibilidade aguçada. Clareza na argumentação e no uso do diálogo com os autores relevantes à temática tratada.

Para além das admiráveis sacações perceptivas sobre as práticas vividas em Laboratório, a seriedade e lucidez e principalmente a realização de narrativas inovadoras e bem escritas. Os dados – as narrativas das experiências geradas ao mesmo tempo em que eram vividas, penso

eu, contribuíram para a prática profissional, científica ou não, de um ser reflexivo e aberto, capaz de perceber coisa, de reconhecer suas próprias idiossincrasias de saberes e suas verdades. No geral, o Laboratório valoriza o uso do Caderno de Campo em pesquisas empíricas e concretas. Registrado a pedido meu, sobre a pedagogia dos afetos, como um registro de 2015, sobre a experiência de 2004 em suas vidas profissionais e pessoais. Todos se manifestaram. Com certeza ouvem hoje melhor os outros e compreendem melhor o mundo. Que mundo é este, o revelado pela Turma de 2015, Travessia e Olhares?

Sobre as pulsões, terra globalizada e a tessitura da tecnociência

Mlodinov (2013, p. 9) argumenta que os aspectos inconscientes do comportamento humano embora tenham sido investigados por Jung, Freud e muitos outros no séc. XX, seus métodos propiciaram apenas um conhecimento difuso e indireto. Hoje, a tecnologia da ressonância magnética revolucionou nosso entendimento de partes do cérebro que funcionam num nível abaixo da consciência, que o autor chama de mundo subliminar: pela primeira vez, uma verdadeira ciência do inconsciente. A nova ciência da mente foi formulada por nova tecnologia específica, surgida nos anos 1990 - tecnologia de imagens da ressonância magnética funcional (fMRI). (Mlodinov, 2013, p. 10). Para entender o mundo social e a si mesmo, há necessidade de entender a influência do mundo subliminar-inconsciente que se esconde em cada um de nós.

Carl Jung acreditava que, para aprender sobre a experiência humana, era importante estudar sonhos e as mitologias. A história é o relato de eventos que se desenrolam na civilização, mas sonhos e mitos são expressões do coração humano. Os temas e arquétipos de nossos sonhos e mitos, observou Jung, transcendem o tempo e a cultura. Surgem a partir de instintos inconscientes que governaram nosso comportamento muito antes de serem recobertos e obscurecidos, e portanto, nos ensinam o significado de ser humano no nível mais profundo. Os capítulos a seguir são uma pesquisa sobre nossa herança evolutiva, sobre forças exóticas e surpreendentes que atuam abaixo da superfície da nossa mente, e o impacto desses instintos inconscientes no que em geral se considera um comportamento racional e voluntário – impacto muito mais forte do que acreditávamos. (Mlodinov, 2013, p.11).

Sobre a importância de ser social Mlodinov (2013, p. 96) argumenta que a linguagem é uma coisa útil, mas nós seres humanos temos ligações emocionais e sociais que transcendem as palavras, e nos comunicamos – e nos compreendemos – sem pensamentos coerentes. Partes do cérebro ligadas ao processo de recompensa são estimuladas quando participamos de atos de cooperação mútua, de forma que ser bondoso talvez represente uma recompensa em si. (Mlodinov, 2013, p. 97), somos atraídos pelo bondoso e repelidos pelo malvado.

Pertencer a uma sociedade ou grupo coeso pode representar vantagem ao lidar com ameaças, em relação a um grupo aleatório; inúmeras experiências demonstram isto. As ligações são um

aspecto tão básico da experiência humana que sofremos quando somos privados delas. Esta constatação de Mlodinov, nos remete á regressão humano-animal, ao comportamento de matilha, bando deleuze-guattariana.

Continua o autor: Estudos de mapeamentos do cérebro mostram que existem dois componentes na dor física: um sentimento emocional desagradável e um sentimento de aflição sensorial¹¹. Esses dois componentes da dor estão associados a diferentes estruturas do cérebro. Os cientistas descobriram que a dor social está também associada a uma estrutura do cérebro chamada córtex cingulado anterior – a mesma estrutura envolvida no componente emocional da dor física. O gênero *Homo*, do qual os humanos, *Homo sapiens*, são a única espécie sobrevivente, evoluiu cerca de 2 milhões de anos atrás. Em termos anatômicos, o *Homo Sapiens*, chegou à sua forma atual há aproximadamente 200 mil anos. (...) em termos comportamentais, nós só assumimos nossos comportamentos atuais, como a cultura, mais ou menos 50 mil anos atrás. No período entre o *Homo sapiens* original e nós, o cérebro dobrou em tamanho, em especial no lobo frontal, região responsável pela seleção e execução de movimentos finos – em especial de dedos, mãos, dedos dos pés, pés e língua -, claramente importantes para a sobrevivência na natureza, bem como o controle dos movimentos motores do rosto, cujas sutis expressões faciais são cruciais pelo papel que têm na comunicação social (Mlodinov, 2013, pp. 96-122). Neste processo a agricultura, garantia de alimento rotineiro, distinto dos caçadores-coletadores e o cozimento, que aumento a eficiência físico-química do metabolismo, foram fundamentais para o elevado consumo energético do cérebro aumentado. O lobo frontal tem ainda o córtex pré-frontal; é nessa estrutura, responsável pelo planejamento e pela orquestração de nossos movimentos e ações, bem como pela integração entre pensamento consciente, percepção e emoção, que reconhecemos com mais clareza nossa humanidade. Acredita-se que o córtex pré-frontal seja o local de nossa consciência; e, é composto por dois subsistemas – o córtex pré-frontal ventromedial e o córtex orbitofrontal, partes do sistema límbico. Apesar de toda pesquisa a mente humana, consciente e inconsciente ainda guarda enormes mistérios.

Quanto às regiões¹² do cérebro, destaca Mlodinov (2013) que: o *cérebro reptiliano* é responsável pelas funções de sobrevivência básicas, como comer, respirar, batimento cardíaco,

¹¹ Para as regiões cerebrais veja <https://sophiaofnature.wordpress.com/2014/12/13/a-historia-do-cerebro/> (Acesso 22/11/2015). *Conhecimento é poder!* Sugiro explorar as palavras chaves, na faixa de fundo preto. Clique Neurociências, para imagens e uma história do cérebro, Cosmologia, para a Teoria das Cordas, Tecnologia, para tecnociência, Física para forças da Natureza e Filosofia da Ciência, para ciência vs religião, datação de C 14, e The new secret, para a mecânica quântica, dentre outros.

¹²As Regiões cerebrais são descritas de forma *simplificada, como quase independentes, mas são integradas e funcionam em conjunto, com inúmeras interligações neurais entre elas*

e versões primitivas de medo e agressividade [nossos instintos de lutar ou fugir], presente em todos os *vertebrados*; o *sistema límbico*, mais sofisticado é a fonte de nossa *percepção social inconsciente* [também tido como importante no comportamento social ou ainda como o “*velhocérebro mamífero*”]. Nos humanos, o *sistema límbico* é caracterizado como um anel de estruturas composto do córtex pré-frontal ventromedial, o córtex cingulado dorsal anterior, a amígdala, o hipocampo, o hipotálamo, componentes do gânglio basal, e, às vezes o córtex orbito frontal; e, o neocórtex, ou “*novo cérebro mamífero*”, cujas estruturas, em geral, estão *ausente nos mamíferos primitivos*. Este é dividido em lobos ou lóbulos, e *é bem maior nos seres humanos* [a massa cinzenta que o senso comum visualiza como cérebro, as cursivas são minhas, RJM]. (Mlodinov, 2013, p. 121). Portanto, quando Deleuze e Guattari falam da regressão *humano-animal*, podemos associá-la a comportamentos inconscientes comuns com os reptilíneos e vertebrados, a mais de 6 milhões de anos, bem como fenômenos ligados aos mamíferos expressos no *sistema límbico*. Hoje temos atuantes em regiões de nosso cérebro - e corpo sensorial perceptivo - a vivência inconsciente de fenômenos, desejos e medos comuns ao vertebrados (*cérebro reptiliano*) e aos mamíferos: pulsões de vida animal. Lembro que na realidade de nossa vivência atuam cotidianamente, dia e noite, em nosso corpo-mente-espírito/alma, nossa hecceidade-alma. Estão associados a comportamentos, denominamos irracionais, animais, selvagem, mas que independentemente de nossa vontade-consciente, atuam instintivamente.

Com o advento da tecnologia de imagens da ressonância magnética, fMRI, e do avanço das pesquisas, elucidada Mlodinov, as duas escolas que seguiram o behaviorismo (os psicólogos sociais e os psicólogos cognitivos) começaram a juntar forças, bem como a neurociência da estrutura física do cérebro começa a se abrir aos fenômenos dinâmicos do cérebro; imagens ao vivo. Surgiu o novo campo de neurociência cognitiva social (neurociência social), um *ménage à trois* da psicologia social, psicologia cognitiva e neurociência, com seu 1º encontro em abril de 2001.

Com essa tecnociência os conceitos vagos e id e ego, deram lugar a mapas de estrutura, conectividade e função do cérebro. O que apreendemos, afirma Mlodinov, é que muito da nossa percepção social – como visão, audição e memória – parece seguir caminhos que não estão associados à consciência, intenção ou a um esforço consciente, e sim a uma “programação” subliminar-inconsciente que afeta nossas vida, o modo como nos apresentamos, como nos comunicamos e julgamos as pessoas, a forma como reagimos a situações sociais e a maneira

como pensamos nós mesmos. Afetos que apesar de subliminar-inconscientes têm concretudes, como podemos analisar nos registros semanais em Laboratórios.

As imagens cerebrais coloridas são registros de fluxos energéticos; fluxos de ondas eletromagnéticas; energia psíquica para Jung, orgone para Reich e pulsões de energia, para Deleuze e Guattari.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

A noção Terra Globalizada tem a ver com a concretude realidade de hoje que em nossa narrativa implica a volta aos tempos da colonização, um tempo longo que visa incluir os processos de conquista e colonização das Américas na modernidade da civilização capitalista. Um procedimento narrativo necessário e caro aos críticos da narrativa hegemônica e eurocêntrica da modernidade que começa com o Iluminismo, a revolução criadora de ciência moderna e as revolução burguesa e industrial. Passando rapidamente essa ideia, com Mota e Moreira (2015), em “*No início todo o mundo foi América*”...

As ponderações de Maldonado-Torres nos levam a reconhecer no Novo Mundo das descobertas quinhentistas, o antes das comunidades ameríndias das Américas, não como povos “sem fê, sem lei, sem rei”, mas como portadoras plenas de múltiplas cosmovisões, sejam aquelas já então socialmente hierarquizadas e urbanizadas como as dos Maias, Incas e Astecas, sejam aquelas de caçadores-coletores nômades e seminômades com agricultura itinerante, do Norte, Centro e Sul americano, bem como seus cerimoniais e ritos de domínio, elucidando a lógica da conquista como uma lógica de imposição do *dominium* europeu. No sentido do autoquestionamento da visão europeia, ou de sua crítica, implica desconstruir o mote inicial deste artigo, a ficção lockeana da existência de um espaço vazio em “estado de natureza”, assim como a visão jesuítica dos ameríndios como “papéis em branco” sobre o qual se imprimiria o cristianismo, especialmente a formulação eurocêntrica de Bornheim (1998) que *nosso mundo, o Mundo Novo, o homem novo* teria sido construído por uma experiência de ruptura radical dos europeus com suas próprias raízes, prometendo a si mesmo um *mundo realmente inédito*, apesar de concordarmos com ele que o *antes e o depois* se tornam embaçadas e geradoras de conflitos, mas por outras razões, entre as quais a que sugere a narrativa de Davi Kopenawa Yanomami: “no começo das coisas, aqui só havia habitantes da floresta, seres humanos...”. (Mota e Moreira, 2015)

O registro da técnociência envolve desde as energias acólicas dos moinhos de vento, das correntes d’águas, das grandes navegações, do carvão e das máquinas a vapor, dos motores de combustão, da eletricidade, da energia nuclear, de Hiroshima e Nagasaki, da tecnologia dos genomas, da digital, da comunicação, dos satélites, do armazenamento de dados em chips, do banco de dados em nuvens que, como uma rede invisível no ar em cima de nós, tornou-se uma biblioteca mundializada de fácil acesso, da mídia televisiva que materializa imagens de distâncias infinitas de estrelas nascendo e morrendo, bem como imagens de qualquer rincão e de fatos locais de países e regiões desconhecidas por nós, que fazem-nos estar em um mundo amplo e mundializado sem sair de casa. Esta “capa” humanizada que expressa o contemporâneo das globalizações é a noção de terra globalizada que utilizamos, apesar de

reconhecemos nela processos múltiplos de globalizações. Em nossa narrativa deleuze-guattariana, terra globalizada expressa ainda extrato propriamente *humano* da servidão maquínica, uma outra dimensão do controle das fontes e dos usos-bloqueio de acesso e uso das pulsões da vida, assumindo uma posição assemelhada, mas diferente, daquela dos estratos geológico e orgânico. Relembrando: Com o terceiro extrato, as Máquinas se alçam e se estendem suas pinças em todos os sentidos, na direção dos outros extratos. A Máquina tecnocientífica, de um lado, e, de outro, a Máquina semiótica e o regime de signos.

Teríamos na contemporaneidade globalizada as contingências energéticas das materializações *geológicas, orgânicas e humanas* que orquestram nossa *concretude corpo-mente-espírito/alma*, podendo então identificar sujeições sociais e servidão maquínica, em sociedades de mercado, e de apropriação privada capitalista.

Lazzarato (2014, 50-51) expõe uma “economia política da subjetividade” que deixa visível uma produção complexa da subjetividade no capitalismo. Com Guattari e Deleuze compreende a dinâmica da realidade social capitalista – a sociedade real, ou o real concreto - tendo em conta duas semióticas. A primeira, da *sujeição social* e da individuação (SS), seria a manifestação da existência no mundo do significante e das disputas de significações; da consciência, do conhecimento e do saber cultural, das identidades e dos sentimentos de existir de sujeitos individuais e coletivos. A segunda semiótica, a da *servidão maquínica* (SM), operaria no mundo complexo da produção do inconsciente, um mundo assignificante de fluxos maquínicos, do “dividual” da produção homens-máquinas, onde não se distinguiria ser humanos, máquinas, e fenômenos geológico e orgânicos. Lugar de fluxos e de multiplicidades e de reificação enaturalização, onde tudo vira um só ente naturocultural, sócionatural, naturosocial, em nossos termos, a *terra quântica globalizada na tessitura da tecnociência* que, como dado pode ser tomada pela natureza “natural” da Terra que não mais o é em si. Temos aqui o Mito da Terra intocada de Diegues (2000).

Em 2007, dizia que:

Para o que nos interessa no momento, podemos dizer que o conhecimento científico e técnico aplicado ao código e à engenharia genética abre um novo leque de interesses à acumulação capitalista, conformando o que se pode denominar de indústria da vida. O direito e a propriedade sobre o conhecimento do código genético e sobre os recursos da biodiversidade ganham relevância no presente e nas perspectivas de futuro. Estes processos intensificam e ampliam as disputas de apropriação de conhecimentos sobre o mundo natural e sobre a dinâmica da vida. Reconhecer a assimetria nos mercados e as assimetrias de poderes políticos na ordem transnacional implicaria reconhecer a possibilidade de que as rendas da natureza e do ecossistema (ou parte delas) estarem fluindo para mercados e instâncias financeiras transnacionalizadas. Em um sentido geral, a distribuição ecológica funda disputas em várias ordens sociais. A propriedade da terra, do território, do ecossistema capacita o seu proprietário a disputar a apropriação privada dos mais variados conhecimentos utilizáveis naquele ecossistema, bem como das vantagens de localização relativa frente aos mercados transnacionalizados e

rotas do comércio, no presente e no futuro. Os processos transnacionais associados aos mercados de capitais e aos fluxos financeiros, especialmente aqueles associados às expectativas de futuro de ecossistemas, no curto, médio e longo prazos, e suas mais variadas possibilidades de uso. A valorização dos territórios responde à formação de expectativas. No sentido capitalista, pode-se dizer que a imobilização do capital em terras, produtivas ou improdutivas, significa a territorialização do capital. Não como algo estranho ao capitalismo, mas próprio dele. Um estoque de terras apresenta um campo de possibilidade de uso bastante flexível. A flexibilidade na utilização das terras envolve, não só uma flexibilidade na produção de diversas mercadorias agro-pecuárias, mas também uma flexibilidade de utilização não propriamente agrícola: usos urbanos, mineração, energia elétrica, lazer, turismo e já está sendo considerada como a fonte da biodiversidade, seja o que isto venha a significar com as novas tecnologias do genoma e da transgenia. (Moreira, 2007 b)

Eu diria que Lazarrato (2014) reforça minha convicção (Moreira, 2007 b) que hoje, sem exceção, estamos todos conectados em redes financeiras, de comunicações mediáticas e de tecnociência, em mercados globalizados, competições imperfeitas, acumulação de capital diferenciada e desigual. Redes plenas de injustiça e de assimetrias social, política e culturais, que naturalizadas, reificadas são vistas e sentidas no cotidiano como meras mediações sociais e não como formas de poderes globalizados, que se apropriaram de todas as dimensões conhecidas da Vida.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

A noção Terra Globalizada tem a ver com a concretude realidade de hoje que em nossa narrativa implica a volta aos tempos da colonização, um tempo longo que visa incluir os processos de conquista e colonização das Américas na modernidade da civilização capitalista. Um procedimento narrativo necessário e caro aos críticos da narrativa hegemônica e eurocêntrica da modernidade que começa com o Iluminismo, a revolução criadora de ciência moderna e as revolução burguesa e industrial. Passando rapidamente essa ideia, com Mota e Moreira (2015), em “*No início todo o mundo foi América*”...

As ponderações de Maldonado-Torres nos levam a reconhecer no Novo Mundo das descobertas quinhentistas, o antes das comunidades ameríndias das Américas, não como povos “sem fé, sem lei, sem rei”, mas como portadoras plenas de múltiplas cosmovisões, sejam aquelas já então socialmente hierarquizadas e urbanizadas como as dos Maias, Incas e Astecas, sejam aquelas de caçadores-coletores nômades e seminômades com agricultura itinerante, do Norte, Centro e Sul americano, bem como seus cerimoniais e ritos de domínio, elucidando a lógica da conquista como uma lógica de imposição do *dominium* europeu. No sentido do autoquestionamento da visão europeia, ou de sua crítica, implica desconstruir o mote inicial deste artigo, a ficção lockeana da existência de um espaço vazio em “estado de natureza”, assim como a visão jesuítica dos ameríndios como “papéis em branco” sobre o qual se imprimiria o cristianismo, especialmente a formulação eurocêntrica de Bornhein (1998) que *nosso mundo, o Mundo Novo, o homem novo* teria sido construído por uma experiência de ruptura radical dos europeus com suas próprias raízes, prometendo a si mesmo um *mundo realmente inédito*, apesar de concordarmos com ele que o *antes e o depois* se tornam embaçadas e geradoras de conflitos, mas por outras razões, entre as quais a que sugere a narrativa de Davi Kopenawa Yanomami: “no começo das coisas, aqui só havia habitantes da floresta, seres humanos...”. (Mota e Moreira, 2015)

O registro da tecnociência envolve desde as energias aeólicas dos moinhos de vento, das correntes d’águas, das grandes navegações, do carvão e das máquinas a vapor, dos motores de

combustão, da eletricidade, da energia nuclear, de Hiroshima e Nagasaki, da tecnologia dos genomas, da digital, da comunicação, dos satélites, do armazenamento de dados em chips, do banco de dados em nuvens que, como uma rede invisível no ar em cima de nós, tornou-se uma biblioteca mundializada de fácil acesso, da mídia televisiva que materializa imagens de distâncias infinitas de estrelas nascendo e morrendo, bem como imagens de qualquer rincão e de fatos locais de países e regiões desconhecidas por nós, que fazem-nos estar em um mundo amplo e mundializado sem sair de casa. Esta “capa” humanizada que expressa o contemporâneo das globalizações é a noção de terra globalizada que utilizamos, apesar de reconhecermos nela processos múltiplos de globalizações. Em nossa narrativa deleuze-guattariana, terra globalizada expressa ainda extrato propriamente *humano* da servidão maquínica, uma outra dimensão do controle das fontes e dos usos-bloqueio de acesso e uso das pulsões da vida, assumindo uma posição assemelhada, mas diferente, daquela dos estratos geológico e orgânico. Relembrando: Com o terceiro extrato, as Máquinas se alçam e se estendem suas pinças em todos os sentidos, na direção do outros extratos. A Máquina tecnocientífica, de um lado, e, de outro, a Máquina semiótica e o regime de signos.

Teríamos na contemporaneidade globalizada as contingências energéticas das materializações *geológicas, orgânicas e humanas* que orquestram nossa *concretude corpo-mente-espírito/alma*, podendo então identificar sujeições sociais e servidão maquínica, em sociedades de mercado, e de apropriação privada capitalista.

Lazzarato (2014, 50-51) expõe uma “economia política da subjetividade” que deixa visível uma produção complexa da subjetividade no capitalismo. Com Guattari e Deleuze compreende a dinâmica da realidade social capitalista – a sociedade real, ou o real concreto - tendo em conta duas semióticas. A primeira, da *sujeição social* e da individuação (SS), seria a manifestação da existência no mundo do significante e das disputas de significações; da consciência, do conhecimento e do saber cultural, das identidades e dos sentimentos de existir de sujeitos individuais e coletivos. A segunda semiótica, a da *servidão maquínica* (SM), operaria no mundo complexo da produção do inconsciente, um mundo assignificante de fluxos maquínicos, do “dividual” da produção homens-máquinas, onde não se distinguiria ser humanos, máquinas, e fenômenos geológico e orgânicos. Lugar de fluxos e de multiplicidades e de reificação enaturalização, onde tudo vira um só ente naturocultural, sócionatural, naturosocial, em nossos termos, a *terra quântica globalizada na tessitura da tecnociência* que, como dado pode ser tomada pela natureza “natural” da Terra que não mais o é em si. Temos aqui o Mito da Terra intocada de Diegues (2000).

Em 2007, dizia que:

Para o que nos interessa no momento, podemos dizer que o conhecimento científico e técnico aplicado ao código e à engenharia genética abre um novo leque de interesses à acumulação capitalista, conformando o que se pode denominar de indústria da vida. O direito e a propriedade sobre o conhecimento do código genético e sobre os recursos da biodiversidade ganham relevância no presente e nas perspectivas de futuro. Estes processos intensificam e ampliam as disputas de apropriação de conhecimentos sobre o mundo natural e sobre a dinâmica da vida. Reconhecer a assimetria nos mercados e as assimetrias de poderes políticos na ordem transnacional implicaria reconhecer a possibilidade de que as rendas da natureza e do ecossistema (ou parte delas) estejam fluindo para mercados e instâncias financeiras transnacionalizadas. Em um sentido geral, a distribuição ecológica funda disputas em várias ordens sociais. A propriedade da terra, do território, do ecossistema capacita o seu proprietário a disputar a apropriação privada dos mais variados conhecimentos utilizáveis naquele ecossistema, bem como das vantagens de localização relativa frente aos mercados transnacionalizados e rotas do comércio, no presente e no futuro. Os processos transnacionais associados aos mercados de capitais e aos fluxos financeiros, especialmente aqueles associados às expectativas de futuro de ecossistemas, no curto, médio e longo prazos, e suas mais variadas possibilidades de uso. A valorização dos territórios responde à formação de expectativas. No sentido capitalista, pode-se dizer que a imobilização do capital em terras, produtivas ou improdutivas, significa a territorialização do capital. Não como algo estranho ao capitalismo, mas próprio dele. Um estoque de terras apresenta um campo de possibilidade de uso bastante flexível. A flexibilidade na utilização das terras envolve, não só uma flexibilidade na produção de diversas mercadorias agro-pecuárias, mas também uma flexibilidade de utilização não propriamente agrícola: usos urbanos, mineração, energia elétrica, lazer, turismo e já está sendo considerada como a fonte da biodiversidade, seja o que isto venha a significar com as novas tecnologias do genoma e da transgenia. (Moreira, 2007 b)

Eu diria que Lazarrato (2014) reforça minha convicção (Moreira, 2007 b) que hoje, sem exceção, estamos todos conectados em redes financeiras, de comunicações mediáticas e de tecnociência, em mercados globalizados, competições imperfeitas, acumulação de capital diferenciada e desigual. Redes plenas de injustiça e de assimetrias social, política e culturais, que naturalizadas, reificadas são vistas e sentidas no cotidiano como meras mediações sociais e não como formas de poderes globalizados, que se apropriaram de todas as dimensões conhecidas da Vida.

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Casanova (2006) com sua obra *As novas ciências e as humanidades: da academia à política*, nos dá o cenário amplo e complexo da interdisciplinar e do poder maquínico dos complexos industrial militar, das grandes corporações – a Máquina de guerra contemporânea e do poder das grandes corporações cuja cognição-apropriação do conhecimento funda-se na tecnociência da interdisciplinaridade.

Eis um cenário rápido dos afetos do conhecimento tecnocientífico em laboratórios. Com base em Casanova (2006). A excessiva compartimentação disciplinar produziu, como contrapartida, um movimento a favor do estudo da totalidade em ciências naturais e humanas. No início do século XX, a teoria da *Gestalt*, em psicologia se desdobra no reconhecimento que o todo é distinto da mera soma de suas partes. Köhler, em 1920, expôs a impossibilidade de explicar as

estruturas psicológicas por sua origem microfísica. O surgimento da palavra interdisciplina é de 1937 e nomeia o surgimento de especialidades multidisciplinares para investigar fenômenos multidimensionais. A prioridade seria a do apreender que permite aprender e acumular novos conhecimentos e habilidades, onde: apreender a pensar, não é uma mera fase. Apoios e resistências. O auge da interdisciplinar e da tecnociência, a partir da segunda Guerra mundial, com o apoio massivo estatal às tecnologias emergentes do Vale do Silício nos EUA é apenas uma de suas pernas, a energia nuclear e outra, de uma centopeia expansionista e guerreira, já tempo passado por duas guerras mundiais só na primeira metade do século XX. Uma nova cultura científica – um conhecimento científico e humanístico, que vincula a organização e a criação ou a construção de conceitos e de realidades – emerge como a Terceira Cultura. As resistências são as mais diversas, inclusive na esquerda do espectro político, ressalta Casanova.

Os complexos e unidades empresariais do capital corporativo combinam modelos dialogais de organização, como os que são terminantemente autoritários e hierárquicos, apropriando-se dos saberes e práticas da interdisciplina voltadas as suas atividades fins, garantindo vantagens competitivas a médio e longo prazo. A qualidade e o toytismo misturam-se aos métodos tayloristas e fordistas. Aos modelos do capitalismo corporativo central se acrescentam as múltiplas forma de trabalho periféricos dos neoservos, dos neo-escravos, dos neotrabalhadores endividados, dos neo-enquadrados, dos novos “trabalhadores livres”, que escolhem a exploração para não cair na exclusão, denuncia Casanova. E, mais, em termos gerais, “os mercados financeiros estão pressionado os empresários para que sigam o modelo global em que os executivos não devem se preocupar muito com o que pensam os trabalhadores Na organização empresarial mais avançada, o trabalho interdisciplinar e o diálogo tornam-se necessários para o êxito na produção e acumulação. A etapa em que o complexo militar-empresarial mais desenvolveu e impulsionou aos projetos de pesquisa interdisciplinares encontra sérios limites para a expansão da pesquisa e tende a controlar não só a quantidade de trabalhadores simbólicos de alta qualidade, mas também “os conteúdos da interdisciplina”, como redobrados isolamentos da economia em relação à política e à história (Casanova, 2006, p. 19-29).

[Corte para divulgação prévia ao livro].

E, finalmente sobre a complexidade organizada e o conhecimento organizado da organização, Casanova (2006, p. 49-64) em suas considerações finais.

O ponto central é que, efetivamente, a interdisciplina, num sentido rigoroso, não se dá em toda a sua plenitude apenas quando se identifica com os sistemas complexos, mas também quando, ao analisar o todo organizado e desorganizado destes e estudar os sistemas sociais, incluem-se nas definições mútuas

e interativas as relações de exploração e exclusão, de opressão, de apropriação e privação, assim como as lutas contra a exploração ou pela construção de relações e redes de liberação e mediação democráticas, com distribuição menos desigual do poder e riqueza, dos meios de produção e do excedente produzido. O problema é que esse tipo de relações corresponde ao “conhecimento proibido” no campo epistêmico “politicamente correto” das tecnociências e das ciências da complexidade. Com um agravante muito pouco estudado: os sistemas complexos, auto-regulados, adaptativos, morfogenéticos, autopoieticos dificilmente são aceitos ou compreendidos no campo epistêmico dos próprios marxistas críticos ou seus sucessores. A quase totalidade da interdisciplina deixa de fora (...) as relações de dominação e apropriação (...) e, a quase totalidade do marxismo deixa de fora as tecnociências (...) que tem servido para compreender e mudar o mundo e o capitalismo global dominante e sem cujo conhecimento ficam em condições de debilidade as forças dominadas, exploradas e excluídas. Uma debilidade superável. (Casanova, 2006, p.57-58).

Em geral, as ocultações, os tabus e os “conhecimentos proibidos” ou “politicamente incorretos” referem-se às categorias da exploração, da apropriação e da dominação, liga-se a suas mediações violentas como a depredação, a escravidão ou colonização, e suas mediações opressoras, como a democracia limitada da Trilateral e do Grupos dos Sete. Mas não é insuficiente só o pensamento crítico que descobre essas ocultações; é também insuficiente o pensamento que aponta para um sistema alternativo possível enquanto não se propuser a criação deste como construção de organizações que pratiquem e imponham os valores e interesses universais entre lutas e negociações. (Casanova, 2006, p. 64).

Com o auxílio de Casanova espero ter dado consistência à noção de terra globalizada na tessitura da tecnociências, em especial, para visualização da dimensão inconsciente, assignificante do Maquinismo tecnológico do Estado e das grandes corporações e do sistema financeiro globalizado que, por serem assignificante-inconsciente, nos domina por de dentro: tal é o processo expresso por Deleuze e Guattari, como servidão maquínica. Isso ignorando, nossas lutas no mundo do conhecimento e das disputas discursivas só dão conta da sujeição social, campo de ação social e política do sujeito efetivo, sem enfrentar a servidão maquínica, da apropriação do conhecimento dos fluxos da Vida.

No sentido das experiências que vivemos no Laboratório de Afetos da disciplina Natureza e Sociedade e de Teorias Sociais, aqui relatadas, fica-me a sensação que roçamos e acariciamos almas e espíritos em contados perceptivos concretos com objetos que aparentemente poderiam ser sentidos como que falando conosco, quanto tocados, cheirados, ouvidos e olhados. Buscou-se naquelas aulas reconhecer intuições de seres humanos desejanter como parte daquilo que nos coloca (em)moção. Com essa grafia queremos dizer que a emoção não é nossa em um sentido absoluto. Vemos e sentimos em nosso cotidiano aquilo que com jogo de palavras tenho provocado suas próprias emoções, caro leitor(a), não?

[Corte para divulgação prévia ao livro].

Seria esta a nossa Terra globalizada?

Ao nos fazerem sentir e agir, não nos falam os ventos, as lagoas, as chuvas, as secas e as hoje tão temidas condições climáticas? Não nos falam também aos sentidos de nossos corpos o Sol, a Lua, que regulam, independentemente de nós, nossos dias e noites as estações? Os Mares, os

Rios e a complexa dinâmica das águas, nuvens, diferenças térmicas que produzem a suavidade das brisas e as fúrias de tempestades e furações e raios? Nossos alimentos? Nossa saúde? Não há nenhuma questão humana que não se funde nessas condições concretas e reais de existência. Há? Inclusive a dimensão sagrada concreta? Tem certeza? (rsrs).

Bibliografia de referência

[Corte para divulgação prévia ao livro].